

Não veja, não ouça, não leia

Nada de anormal. É apenas o velho hábito brasileiro de não encarar a realidade, nem mesmo a sua pessoal, quanto mais a coletiva, a do país, a realidade mais complicada das instituições. Ninguém quer ver e quem vê não quer dizer, no Congresso e na mídia, que a pessoa mais forte do governo e, portanto, do país é outra vez um general.

Estar a força maior depositada em alguém que não o presidente é patético, mas não é motivo de silêncio, nem mesmo por parte dos jornalistas da guarda pessoal de Fernando Henrique Cardoso. Em sucessão sem intervalo, Sérgio Motta e Antonio Carlos Magalhães foram exaustivamente dados, na mídia e no Congresso, como as pessoas mais fortes do país, pelo domínio político exercido sobre o presidente da República. Nem o silêncio é induzido por se tratar de um general, porque o absurdo de um presidente secundário é o mesmo, seja o predomínio de um militar ou de um civil. Os tapa-olhos e o silêncio são causados pelo que está decorrendo da força deixada ao uso do general Alberto Cardoso.

Não querem ver e quem vê não quer dizer? O general Alberto Cardoso mostra o que está fazendo sob o título do Gabinete de Segurança Institucional.

Depois do ato de dignidade que foi manter-se em meio aos índios agredidos pela polícia, em Porto Seguro, Carlos Frederico Marés de Souza Filho, presidente da Funai, fez considerações irresponsáveis sobre os fatos e seus significados. Esta, por exemplo: "O que houve ali foi a violação de vários direitos. Do direito humano, do direito constitucional de ir e vir, do direito de manifestação, entre outros. O rol dos direitos violados é muito grande".

Toda a brutalidade facinorosa em Porto Seguro, que Carlos Marés só achou comparável à da ditadura militar em 68, foi organizada e orientada pelo general Cardoso. Foi naquela época mesmo que ele ingeriu a mentalidade que agora pratica. Mas o general estava preocupado. Com a concordância de Fernando Henrique Cardoso, o general recriou o SNI, sob o nome de Abin. E seus agentes, essa laia que sempre acaba metida com alguma criminalidade

sassino. Prepara-se o espírito, já que não é possível defender a inimidade e o corpo das ações prove-nientes do novo SNI.

O Gabinete de Segurança Institucional é a revivência da alma do regime militar. Segurança, no seu nome, tem o mesmo sentido que longe foi dado na ditadura. Institucional tem o mesmo peso democrático que tinha na designação Ato Institucional. Quem não quiser ver ou dizer, não veja nem diga.

atividades e responsabilidades que a Constituição atribui ao Ministério da Justiça e à Polícia Federal.

Não é tudo. O general quer dispor de uma força armada à paisana: está articulando a concessão, aos seus agentes da Abin, do direito de portar armas. Sabendo-se que ninhos de homicidas têm sido todos os serviços secretos no mundo, convém reter, logo, os corpos das mortes de Baumgarten e do dançarino que apontou o as-

general Alberto Cardoso diz que a sua polícia, em Porto Seguro, agiu "muito bem". Seria um insulto aos direitos dos cidadãos e à Constituição, não fora o fato de que o general Alberto Cardoso está posto acima da cidadania e da Constituição.

Os dois últimos ministros da Justiça deixaram os cargos pela pressão do general Alberto Cardoso em se apropriar, para melhor exercer o programa que os Estados Unidos lhe trouxeram, de

os que não tivessem credenciais por ele autorizadas. Tal como o general Newton Cruz, então chefe do SNI, fez em Brasília, nos estertores do governo Figueiredo. Assim como diziam os generais da repressão na ditadura militar, o

de em busca de dinheiro fácil, decidiu que o presidente da República correria riscos muito sérios em Porto Seguro.

O general Alberto Cardoso mandou bloquear os acessos à cidade e proibiu a entrada de todos

FSP
25/4/2000 Pg 1-5
224